

Casa-ateliê: Habitar, criar, resistir

Studio-house: Inhabit, create, resist

Casa-estudio: Habitar, crear, resistir

João Victor Elias (UDESC-Brasil)¹

Marta Lúcia Pereira Martins (UDESC-Brasil)²

1 Mestre em Artes Visuais, na linha Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1109089089262964>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2190-3615>. E-mail: joaovictorelias97@gmail.com.

2 Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2979880140598453>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9695-1980>. E-mail: fazendotricot@hotmail.com.

Editores responsáveis:

Editor Associado: Raony Robson Ruiz

Editor de Seção: Helida costa coelho

RESUMO

Esta cartografia investiga a relação entre o espaço da casa que também é ateliê e o processo criativo de artistas que compartilham, nesse mesmo ambiente, suas experiências de moradia e de trabalho artístico, denominado aqui como “casa-ateliê”. Foram entrevistadas as artistas catarinenses Celaine Refosco e Nara Guichon. Além de realizados registros fotográficos desses espaços, com o objetivo de compreender como os modos de habitar influenciam a produção artística e de que forma os limites entre vida cotidiana e prática artística se entrelaçam nesse contexto. Este estudo propõe refletir sobre como a casa oferece uma intimidade privilegiada para a construção da obra, e ao mesmo tempo, que pode surgir como uma solução motivada por necessidades econômicas. A casa-ateliê, por vezes, mescla suas formas e limites com a própria obra, e vice-versa, constituindo-se como um lugar de construção mútua, e não apenas como pano de fundo ou suporte funcional da produção artística.

PALAVRAS-CHAVE

Casa-Ateliê; Habitar; Processo Criativo; Cotidiano; Cartografia.

ABSTRACT

This cartography investigates the relationship between the space of the studio-house and the creative process of artists who share, in the same environment, their experiences of living and artistic work. The study includes interviews with the Santa Catarina-based artists Celaine Refosco and Nara Guichon, as well as photographic records of their spaces, aiming to understand how modes of inhabiting influence artistic production and how the boundaries between everyday life and artistic practice intertwine in this context. The research proposes to reflect on how the house offers a privileged intimacy for the construction of the artwork, while at the same time it may emerge as a solution motivated by economic needs. The *studio-house* at times merges its forms and limits with the artwork itself, and vice versa, establishing itself as a place of mutual construction, rather than merely as a backdrop or functional support for artistic production.

KEY-WORDS

Studio-House; Inhabit; Creative Process; Everyday Life; Cartography.

RESUMEN

Esta cartografía investiga la relación entre el espacio de la casa, que también funciona como taller, y el proceso creativo de artistas que comparten, en el mismo ambiente, sus experiencias de vivienda y trabajo artístico, denominado aquí como "casa-taller". Se realizaron entrevistas con las artistas de Santa Catarina, Celaine Refosco y Nara Guichon, además de registros fotográficos de sus espacios, con el objetivo de comprender cómo los modos de habitar influyen en la producción artística y de qué manera los límites entre la vida cotidiana y la práctica artística se entrelazan en este contexto. Este estudio propone reflexionar sobre cómo la casa ofrece una intimidad privilegiada para la construcción de la obra, y al mismo tiempo puede surgir como una solución motivada por necesidades económicas. La casa-taller, en ocasiones, fusiona sus formas y límites con la propia obra, y viceversa, constituyéndose como un lugar de construcción mutua, y no únicamente como fondo o soporte funcional de la producción artística.

PALABRAS-CLAVE

Casa-Taller; Habitar; Proceso Creativo; Vida Cotidiana; Cartografía.

Introdução

Às vezes fica difícil definir onde começa o ateliê e termina a casa. Em certos espaços de criação, essa linha se desfaz. A casa que também é ateliê, ou o ateliê que também é casa, tornam-se um lugar compartilhado, onde moradia e processo artístico se misturam ao ponto de, muitas vezes, perderem os limites entre si. Assim como a luz que atravessa os galhos das árvores e entra pela janela da cozinha manchando a parede da sala, que pode inspirar as formas das pinceladas, ou quando não chove lá fora e faz sol, o ateliê pode se mudar para o jardim e as cores desse lugar ensaiarem uma paleta. A casa-ateliê deve de algum modo também, organizar as dimensões possíveis da obra. Apenas uma linha imaginária divide o quarto do depósito de retalhos e materiais para as obras. A estante dos pratos e xícaras faz fronteira com a que guarda tintas e os pingos dessa tinta pelo chão não são sujeira, são as cores da tela permanecendo na casa. Começa a ficar difícil compreender a ordem lógica, se o artista mora no ateliê, ou se ele produz em sua casa.

Desse modo, para aprofundar melhor a intersecção desses dois lugares necessários na vida de todo artista: o ateliê e a casa, como a vida cotidiana impacta e define práticas artísticas, surgiu a vontade de construir esse artigo que propõe investigar o ateliê doméstico de duas artistas brasileiras, nascidas no sul do Brasil, Celaine Refosco e Nara Guichon. Foram realizadas entrevistas individuais com as artistas e registros fotográficos de suas casas-ateliês, propondo refletir sobre esses lugares híbridos onde o habitar e o criar convivem e se moldam mutuamente.

Celaine Refosco (Joaçaba, 1961) é artista visual residente em Pomerode, Santa Catarina. Formada em Artes Visuais pela EMBAP, com estudos complementares em Psicopedagogia (Universidad de La Habana) e Design de Produto (CDI, Uruguai), desenvolve uma poética que articula natureza, materialidade e processos sensíveis. Foi vencedora do Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea em 2024, que inclui residência na Cité Internationale des Arts, em Paris.



Fig. 1. Celaine Refosco. *Visões de Humboldt no Orinoco III*, 2025. Óleo sobre tela, 110 x 72 cm. Pomerode. Disponível em < https://www.celainerefosco.com/obras?pgid=l97e8av3-vises-de-humboldt-no-orinoco-iii_26 >, acesso em 14/011/2025.

Nara Guichon (Santa Maria, 1955) é artista têxtil, designer e ambientalista radicada em Florianópolis desde 1983. Sua prática se desenvolve a partir de técnicas manuais com fios, saberes artesanais e processos sustentáveis, articulando arte, reaproveitamento de materiais e ações voltadas à preservação da Mata Atlântica. Com trajetória consolidada no design e na moda sustentável entre 1975 e 2015, Guichon dedica-se exclusivamente à produção artística desde 2017. Em 2024, foi artista premiada no Prêmio PIPA e atualmente é representada pela Galeria Ocre Porto Alegre.



Fig. 2. Nara Guichon. Maris, 2022. Foto: Renata Gordo. Tricô manual, enrolamento de fios, redes de pesca reusadas, tintura de casca de cebolas, seda, 100 x 73 x 30 cm. Florianópolis. Disponível em < <https://www.premiopipa.com/nara-guichon/> >, acesso em 14/11/2025.

Além do desejo de compreender como esses mecanismos se manifestam na vida prática do artista, a motivação para escrever este artigo também está relacionada a um interesse genuíno por conhecer as casas por dentro, ouvir suas histórias e registrá-las fotograficamente. Trata-se, portanto, de uma aproximação afetiva com os elementos que compõem minha pesquisa e meus interesses pessoais: o ato de refletir e registrar os lugares da vida íntima – a casa. O ateliê entra como interesse por eu também ser artista, desse modo, é um espaço que carrego comigo pelas casas que habito.

Utilizo nesta pesquisa a palavra afeto e apresento os sentidos aqui propostos em diálogo com Suely Rolnik, em *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2018):

Quanto ao afeto, este não deve ser confundido com afeição, carinho, ternura, que corresponde ao sentido usual dessa palavra nas línguas latinas. É que não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim uma 'emoção vital', a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo afetar – tocar, perturbar, abalar, atingir. (Rolnik, 2018, p. 53).

A metodologia deste trabalho se aproxima da cartografia sensível, tal como definida por Suely Rolnik, entendida como um processo de acompanhar, registrar e dar língua aos afetos que se manifestam na relação com o território habitado, no caso, as casas-ateliês.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo [...] O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (Rolnik, 2006, p. 23).

Assim, a visita às casas-ateliês não buscou mapear de forma objetiva um espaço fixo, mas acompanhar de que maneira está organizado, suas memórias, seus modos de fazer e habitar. Ao adentrar esses espaços, a pesquisa se expõe às imagens, depoimentos, confissões, rastros, metabolizando-os em escrita, imagem e reflexão, compondo um percurso que é ao mesmo tempo registro e invenção.

Para tanto, alguns poucos equipamentos e um roteiro-guia acompanharam as visitas:

Equipamentos de uso:

- Celular com gravador de áudio;
- Papel para anotações;
- Câmera fotográfica.

Roteiro de perguntas:

1. Como sua casa influencia seu processo criativo e sua produção artística?
2. Quais são os limites entre seu ateliê e seu espaço de habitação no dia a dia?
3. Sua rotina doméstica afeta ou influencia sua obra artística?

Um lugar comum, questões regionais

Podemos, antes de tudo, compreender o espaço comum que compartilha o autor e as artistas investigadas: Santa Catarina, estado localizado no sul do Brasil. Esse contexto pode ser útil para considerarmos a familiaridade que tenho com a cultura, geografia e principalmente os assuntos que permeiam as obras de Celaine Refosco e Nara Guichon. Como propõe Gloria Anzaldúa (1983) “uma pessoa escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue seu posicionamento particular”. (Anzaldúa, 2017, p. 421). A partir dessa noção, reconheço que minha leitura das obras e o próprio processo de escuta são atravessados por esse chão comum.

Sendo assim, a importância de localizar essas casas-ateliês, falar do solo pelo qual suas paredes se erguem, nos ajuda a compreender os cenários da região, identificar questões da cultura local, das paisagens, o contexto regional e principalmente as urgências ambientais, costurando-as às questões da subjetividade que aparecem em suas obras. Tudo isso está emaranhado nas casas-ateliês dessas artistas, na rotina doméstica e, portanto, em suas obras.

Construir essa escrita a partir do contexto catarinense pode ser, também, uma manobra para lançar luz sobre as produções artísticas de um estado que, frequentemente, permanece à margem dos grandes circuitos artísticos nacionais. Como observa Makowiecky (2019, p. 8), “estas publicações alimentam, de certa forma, o Sistema de Arte, gerando visibilidade ao que aqui se produz, tentando romper com a lógica da produção periférica”. A relevância dessa ruptura é marcada pela crítica aos modelos narrativos hegemônicos que tendem a depreciar a produção local com expressões como “regional, local, tardio, popular, tradicional” (Makowiecky, 2019, p. 14).

Esse estar às margens se deve a vários motivos, como a tradição política conservadora de Santa Catarina, que tem “indissociável ligação com sua configuração colonial, seus traços, sua cultura, sua identidade e, evidentemente, sua cor” (Costa, 2023, p. 12) e que, ao longo da história, passou a reivindicar uma identidade cultural seletiva e excludente. Esse espectro conservador, presente não apenas em Santa Catarina, mas em toda a região Sul do Brasil, advém de tensões entre a população luso-brasileira e os grupos de imigrantes europeus desde a Era Vargas, contexto no qual “ideologias nacionalistas como o Integralismo e o Fascismo vão se fortalecer e difundir, encontrando um terreno próspero para sua expansão e consolidação” (Costa, 2023, p. 2).

Nesse cenário, a produção artística local se vê entre o conflito da escassez de políticas públicas culturais e as demandas de uma identidade regional que tende a homogeneizar e apagar suas próprias diferenças. A inviabilidade cultural foi acentuada, sobretudo a partir de 2013, com o retorno do fascismo moderno no Brasil, manifestando-se por “discursos e ações de inviabilidade cultural” (Gadotti, 2023, p. 14) e “sucateamento das pastas de cultura” (Gadotti, 2023, p. 7), bem como pela “política de cerceamento da liberdade criativa e expressiva” (Gadotti, 2023, p. 14), por meio da redução dos investimentos culturais.

Espaço de liberdade, questões da subjetividade

A casa-ateliê é um espaço privilegiado que não só viabiliza e possibilita a produção de uma obra, mas que compartilha com a obra uma expressão criativa que não se limita ao objeto artístico. A construção da casa participa desse fluxo de ideias e desejos as quais as artistas também se utilizam para criar as obras, porque de certo modo, a casa vira um laboratório parecido demais com a própria obra. Como se, tentando construir uma obra de arte incapaz de virar um habitat, se constrói a casa

para que nela exista a possibilidade de habitar um pouco mais de sua obra, chegar um pouco mais perto dela. No livro *Espaços de trabalho e artistas latino-americanos* (2019), Beta Germano aponta que “os ateliês nos permitem desafiar e redefinir as regras que determinam como devemos viver e trabalhar”. (Germano, 2019, p.19). Nesse sentido, a casa deixa de ser apenas o lugar que abriga o artista para tornar-se, ela própria, parte da linguagem com que ele habita o mundo.

No início da entrevista que realizei com Celaine Refosco, ela contou como idealizava sua casa antes de comprá-la: “*Eu queria um lugar que tivesse vento, um lugar onde eu pudesse ver o sol e a lua. Onde eu pudesse fazer fogo.*” Junto com seu corretor, encontrou a casa no topo de um morro, a mais próxima do céu. Ali, reconheceu paisagens que correspondiam às de seus sonhos, e que viriam a se tornar tema para suas obras: “*Tanto que eu tenho pintado muito céu depois que eu vim para (a atual) casa*”. O desejo de uma morada no alto, a levou até a casa que, ao permitir olhar para o céu, instiga Refosco criar obras.

Essa era, afinal, a casa de seus sonhos não apenas por ser um desejo consciente, mas porque, como me contou apenas ao fim da entrevista, sonha recorrentemente com casas. Não uma casa específica, mas espaços desconhecidos, que despertam na artista um impulso criativo, uma possibilidade de transformação. Como disse:

Querida te contar que eu sonho muito com casa. Não com uma casa específica. [...] Sempre são casas, normalmente é uma casa que não é minha e talvez ela venha a ser. Eu entro e falo: nossa, mas isso aqui tinha um potencial incrível. Sabe, assim, eu vejo a coisa da transformação. (Depoimento de Celaine Refosco).

Desse modo, podemos perceber como a obra e a casa se vinculam de maneira íntima e orgânica no trabalho de Celaine Refosco. Já Nara Guichon, que reutiliza retalhos doados e redes de pesca descartadas para compor suas obras, adota uma abordagem semelhante: seu modo de vida reflete diretamente os princípios que movem sua criação. Suas roupas são doações de pessoas próximas, não por necessidade, mas por escolha consciente, em sintonia com sua filosofia do reaproveitamento. Recentemente, construiu um banheiro a seco em sua casa, como forma de evitar o desperdício de água. Sua produção artística, movida pelo desejo de limpar os oceanos, nasce no mesmo espaço doméstico onde cada gesto cotidiano parece resistir ao consumo excessivo.

Durante nossa conversa, Guichon me mostrou a colcha de sua cama, feita por ela mesma a partir da desconstrução de peças de lã e sua recomposição em tricô. Assim, a casa-ateliê de Guichon torna-se também abrigo e extensão de seu pensamento, de seu desejo por um espaço onde habitar e criar se confundem numa mesma intencionalidade.

Em *Um teto todo seu*, a célebre escritora inglesa Virginia Woolf nos apresenta de maneira disruptiva, em 1928, caminhos possíveis entre o ato criativo e a vida de uma mulher. Em uma série de conferências realizadas nessa época, relacionadas a literatura e a mulher, Woolf responde com questões materiais aquilo que facilmente

poderia ter caído, a princípio, num levantamento de informações e análises sobre as escritoras mulheres que se destacaram na literatura:

Quando vocês me pediram que falasse sobre as mulheres e a ficção, sentei-me à margem de um rio e comecei a pensar sobre o sentido dessas palavras. Poderiam significar simplesmente alguns comentários sobre Fanny Burney; alguns mais sobre Jane Austen; um tributo às irmãs Brontë e um esboço do Presbitério de Haworth sob a neve; alguns ditos espirituosos, se possível, sobre a srta. Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência à sra. Gaskell, e estaríamos conversados (Woolf, 1991, p. 7).

Porém Virginia Woolf, propõe outro aspecto que considerou mais urgente para refletir sobre as relações referente ao tema da mulher e a ficção, uma resposta prática, que envolve poder ficar protegida das demandas patriarcais, como as do cuidado materno, da manutenção da casa e da serventia. A autora propõe duas coisas: “é necessário ganhar quinhentas libras por ano e ter um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia.” (Woolf, 1991, p. 128).

Essa resposta de Woolf, bastante materialista, ainda que podemos ler a partir da simbologia, “no sentido de que quinhentas libras por ano representam o poder de contemplar, e de que a fechadura da porta significa o poder de pensar por si mesma” (Woolf, 1991, p. 130), é bastante pertinente quando pensamos na realidade que envolve – trazendo a escrita como possibilidade de pensarmos o ato criativo, o necessário possível para a produção de uma obra de arte sendo mulher, ainda hoje, passados quase cem anos das conferências que a autora participava.

Não pude deixar de fazer uma relação direta entre a resposta de Virginia Woolf com a história da vida e da produção artística de Celaine Refosco e Nara Guichon. As duas me contaram que trabalharam por todas suas vidas na indústria têxtil – que é também um mercado bastante forte em Santa Catarina – e que foi apenas quando conquistaram um espaço seu e independência econômica, é que puderam, mais tarde na vida, se dedicar totalmente às suas produções artísticas.

Assim, as artistas ampliam a ideia de “um quarto todo seu”, proposta por Virginia Woolf, transformando suas casas em ateliês, ou seus ateliês em casas, e construindo assim, espaços de liberdade. Suas casas-ateliês operam como forma de resistência aos limites impostos tanto à classe artística do sul do Brasil quanto à subjetividade feminina.

A casa-ateliê de Nara Guichon

Entrevista realizada em junho de 2025.

1- Como sua casa influencia seu processo criativo e sua produção artística?

Nara Guichon: Para mim, a minha casa não é isso aqui, né? Não é esse quadrado em que habitamos. Pra mim, a minha casa é o planeta. Então, nesse sentido, a minha

casa influencia total. Porque existe um amor por esse planeta que eu tô sempre... acabou sendo um cuidado com ele. E isso eu vejo muitas possibilidades por aí, do que chamam de lixo, e eu acabo trazendo pra compor a minha obra. Assim eu passo um recado e, ao mesmo tempo, eu cuido do planeta. Então, pra mim isso é muito claro, é influência total, porque eu tenho essa paixão. Além do jardim, o planeta inteiro é nosso. E eu digo, eu sou arquibilionária. Porque o planeta é todo. Então, nesse sentido, o que é da gente, a gente normalmente cuida, né? Então, eu cuido do planeta porque eu sinto que ele é nosso. É, porque eu sou apaixonada por ele. Sou absolutamente apaixonada.

2 - Quais são os limites entre seu ateliê e seu espaço de habitação no seu dia-a-dia?

Nara Guichon: O limite está mais na cozinha e no banheiro, que quase nunca viram ateliê. Às vezes arrasto umas fibras para a cozinha, mas o limite é esse, porque o resto tudo vira ateliê. Eu sou muito expansiva e onde vou vejo possibilidades. Não tem essa coisa de “aqui o ateliê, daqui pra cá não posso botar nada”. Isso está em todos os lugares, inclusive no jardim, onde ficam as redes: lá eu escolho, deposito e deixo envelhecer ou não. Aqui embaixo tem bastante espaço, e os materiais estão mais lá em cima, então não vai muito pra cá. Eu cozinho todos os dias, então não misturo porque não tem necessidade física. Acho que está suficiente, não quero mais. Lá em cima tem a varanda, tem o quintal, mas a cozinha pode ficar ilesa. Aqui embaixo passou a ser ateliê faz pouco tempo, porque no verão lá em cima é muito quente. No inverno a produção é lá; no verão é mais aqui.

3 - Sua rotina doméstica afeta ou influencia a sua obra artística?

Nara Guichon: Eu tô no têxtil desde os cinco anos de idade. Quando aprendi a tricotar, porque eu pedia, tinha iniciativa, me ensinaram. A vida inteira estive num têxtil sustentável. A gente trabalhava no Rio Grande do Sul, em 1960, e eu me criei num berço sustentável: desmanchava a blusa de lã, fazia outra pra irmã, depois desmanchava de novo e fazia um cachecol. Então, se minha casa influencia a obra, é a casa lá de trás, a casa da infância, onde aprendi tudo isso. Minha avó costurava, fazia cobertas com pedaços de lã e sobras de saia. Ali fui alfabetizada tanto no alfabeto quanto no tricô. O colégio incentivava o trabalho manual, e desde pequena eu já fazia peças bem criativas, desenhadas, com técnica impecável. Quando fui para a arte, desconstruí tudo o que sabia. Crescia e decrescia o ponto, fazia volumes, franzinhos, e os trabalhos foram se transformando até surgir essa linguagem de hoje. E tudo está atravessado: minha casa, minha roupa, minha alimentação, minha forma de viver. Esse tear aqui foi feito com madeiras reaproveitadas do telhado da casa. Tenho banheiro seco. A meia é de 2012, remendada. A sandália veio de um brechó. E tudo aqui é assim: não tem uma coisa separada da outra. A influência está presente desde

sempre, no jeito de viver, nas escolhas, na consciência. A minha alma é assim.



Fig. 3. Do autor. Casa-ateliê de Nara Guichon, 2025. Fonte: do autor. Fotografia digital. Florianópolis



Fig. 4. Do autor. Casa-ateliê de Nara Guichon, 2025. Fonte: do autor. Fotografia digital. Florianópolis.



Fig. 5. Do autor. Casa-ateliê de Nara Guichon, 2025. Fonte: do autor. Fotografia digital. Florianópolis.

A casa-ateliê de Celaine Refosco **Entrevista realizada em maio de 2024.**

1 - Como sua casa influencia seu processo criativo e sua produção artística?

Celaine: Quando eu não conseguia encontrar uma casa, decidi parar e escrever exatamente o que eu queria. E era tudo muito do lado de fora: queria vento, queria ver o sol e a lua, queria fazer fogo. Mas foi quando comecei a olhar pra cima, pra lugares altos, e encontrei esse aqui. Um terreno degradado, uma casa feia, mas que me permitia mexer, cabia no meu bolso e na minha energia. Eu não gosto de lugares grandes, nem de muitas portas ou muitos quartos. Gosto de poucas coisas, gosto de saber o que tenho. Então essa casa, mesmo sem estar pronta, era o que eu precisava. Tem privacidade, tem natureza. Me permite trabalhar lá fora, escrever lá fora, viver lá fora. E esse ambiente faz parte do meu trabalho. Todas as minhas casas sempre foram também meus ateliês. Mesmo quando era só um cantinho, ele estava lá. Hoje, a casa inteira é ateliê. Quando estou trabalhando, o material toma conta do

espaço. O trabalho vai crescendo, fermentando, me toma. Depois eu limpo, organizo e começa de novo. É uma ordem minha, não é bagunça. Gosto de conviver com o trabalho, dessa negociação entre o espaço da casa e o da criação. A casa permite que o trabalho exista, se expanda, se recolha, tenha vida própria. Isso se conecta com meu jeito de fazer arte: não busco a representação exata da realidade, mas algo além da figura, algo que começa no entorno — como os verdes lá fora — e vira pintura, cor, gesto. A casa me devolve à minha natureza. Aquilo que o mundo manda esquecer: como eu sou, do que gosto, do que preciso. Estar aqui me permite escutar isso. E a arte vem desse lugar.

2 - Quais são os limites entre seu ateliê e seu espaço de habitação no seu dia-a-dia?

Celaine: O limite é muito impreciso. Nem todo mundo que entra aqui entende. Já tive pessoas que perguntaram: você vive aqui ou aqui? É um desentendimento. Eu tinha a ambição de cuidar do meu lugar. Me contratei para cozinhar para mim há muito tempo, e achei isso incrível. Também acho legal varrer, lavar a janela. É uma relação íntima. Durante a pandemia, estava focada em cuidar do lugar. Depois resolvi fazer uma inversão: comecei a morar no ateliê. O chão está cheio de marca de tinta, então me dediquei muito mais ao ateliê do que à casa. Às vezes faço uma limpeza, mas o dia a dia é do jeito que dá. Assumi mais: tá pintado, tá, né? Mas tinta não é sujeira. Ter essa coisa menos delimitada entre trabalho e casa foi uma conquista da maturidade. Raros são os artistas que têm um ateliê e uma casa, por viabilidade financeira. Ter essas duas coisas reunidas faz parte de viabilizar também. A interação entre vida e arte está no campo da viabilização. Descobri muito sobre a minha natureza e a do meu trabalho pela luz. Meu trabalho tem muito branco, muita cor clara, muita mancha de luz: a luz atravessando as folhagens, atravessando a paisagem, chegando na parede, se projetando. Há um interesse por isso tanto no trabalho quanto no ambiente.

3 - Sua rotina doméstica afeta ou influencia a sua obra artística?

Celaine: Sim. É quase como se a casa, do ponto de vista construtivo, não fosse uma barreira. Ela não impede de olhar, de sentir o vento, de estar perto disso. Quando eu saía para trabalhar todos os dias, eu olhava meus bichos e pensava: onde que ela tá indo? Eles aproveitam muito mais do que eu, olham a lua, ficam lá fora. Se eu tivesse que sair da minha casa para ir a um ateliê, seria uma relação regular. Aqui, não. Na hora que paro de pintar e tomo um banho, vou olhar o que fiz. O meu trabalho é lento, cheio de camadas, e esse olhar só é possível se eu moro com o trabalho. Gosto dessa metáfora: morar com o trabalho. Ele me oportuniza pensamento. Em qualquer momento, mesmo descascando uma batata, eu entendo alguma coisa, porque estou vendo aquilo. Morar junto com o trabalho faz com que tudo fique atravessado. Eu sonho muito com casa, sempre casas grandes demais, recortadas, e vejo a transformação: aqui a gente tirava essa parede, aqui dava um espaço. Tenho essa ideia de amplitude, de limpar o mundo, tirar o excesso. Identificar

a sua natureza. As pessoas têm coisas demais e não conseguem cuidar de tudo. Eu acho que tem uma integralização. Esse lugar aqui eu não teria condições de ter se fosse apenas com dinheiro. Eu me sinto muito rica. Tem um roxo ali no meio do verde. É um pensamento ligado a ser humana. Tudo o que eu preciso está aqui. Não preciso de uma sala de TV. Ele sana todas as minhas necessidades: habitar, trabalhar, contemplar, refletir, compreender. Tenho amigos que gostam muito daqui, e comecei a dar um presente: deixo a casa para eles ficarem quando eu não estou.



Fig. 6. Do autor. Casa-ateliê de Celaine Refosco, 2024. Fonte: do autor. Fotografia digital. Pomerode.



Fig. 7. Do autor. Casa-ateliê de Celaine Refosco, 2024. Fonte: do autor. Fotografia digital. Pomerode.



Fig. 8. Do autor. Casa-ateliê de Celaine Refosco, 2024. Fonte: do autor. Fotografia digital. Pomerode.

Morar com o trabalho

Percebemos, com essa pesquisa, que a casa-ateliê opera como um organismo vivo, onde as fronteiras entre residência e espaço de criação, ao mesmo tempo que distinguem funções diferentes, permitem uma relação dinâmica e fluida entre esses dois mundos. Esses espaços se moldam cotidianamente: o ateliê pode migrar para o jardim, como ocorre na casa-ateliê de Celaine Refosco, ou se distribuir entre os andares, a exemplo da dinâmica de Nara Guichon, que no verão prefere o inferior e no inverno ocupa o superior.

As questões ambientais surgem como ponto de convergência entre ambas. Para Refosco, práticas domésticas como cozinhar e cultivar uma horta constituem um gesto político de autossustentabilidade que atravessa sua obra, como em *Rios Voadores*. Guichon, por sua vez, incorpora materiais reutilizados em sua produção, refletindo compromisso com a limpeza dos oceanos e o reaproveitamento. Assim, as casas-ateliês se configuram como laboratórios políticos, espaços de resistência contra o consumo, desperdício, patriarcado e limitações impostas pela cultura regional.

Celaine Refosco diz, em determinado momento: “eu moro com o trabalho”. Essa afirmação sintetiza o ponto central da experiência das casas-ateliês. Suas práticas rejeitam as pulsões de consumo e privilegiam as pulsões da vida, do cuidado, da contemplação, da criação consciente. A trajetória de Nara Guichon exemplifica esse imbricamento: foi na casa de infância que ela incorporou a técnica do tricô que mais tarde reinventaria em suas obras. Para Refosco, “descascando uma batata, eu entendo alguma coisa”.

Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf já apontava para os desafios de criar sendo mulher em um mundo patriarcal. Tanto Guichon quanto Refosco só puderam se dedicar a uma criação autoral após alcançarem um teto próprio e certa condição financeira. Esse teto, construído como morada e obra, devolveu Refosco à sua própria natureza: “E essa natureza é o que tenho buscado recuperar. Aquilo que o mundo manda esquecer: como eu sou, do que gosto, do que preciso. Estar aqui me permite escutar isso. E a arte vem desse lugar.” Para Guichon, mesmo expandindo o conceito de casa para além do espaço físico, é nesse espaço que acontecem as transformações concretas: o tingimento das redes, o tear, a costura, práticas fundamentais que dão corpo às suas obras. Criar, para essas artistas, é habitar o mundo, em permanente diálogo com ele.

Referências

ANZALDÚA, Gloria Evangelina. 2017. Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana. In: BRANDÃO, I.; CAVALCANTI, I.; LIMA COSTA, C. da; LIMA, A. C. A. **Traduções da Cultura. Perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, pp 408-425. Publicado original em 1991.

CHEREM, Rosângela Miranda; MAKOWIECKY, Sandra (orgs.). **Antologia de História da Arte em Santa Catarina**. UDESC, 2021.

COSTA, Lucas. Conservadorismo na cultura política de Santa Catarina: reverberações da Era Vargas no tempo presente. **Revista Santa Catarina em História**, v.17, 2023.

GADOTTI, Francielle Melinna Araújo. **Arte, cultura e conservadorismo: caminhos de resistência ao fascismo moderno no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2023.

GERMANO, Beta. **Espaços de trabalho de artistas latino-americanos**. Fotografia: Fran Parente. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

WOOLF, V. Um teto todo seu. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

Submissão: 01/10/2025

Aprovação: 14/11/2025